



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O RADIOJORNALISMO NARRATIVO COMO GÊNERO DE
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DO PODCAST
37 GRAUS**

ESTELA MAGALHÃES RIBEIRO

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O RADIOJORNALISMO NARRATIVO COMO GÊNERO DE
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DO PODCAST
37 GRAUS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo

ESTELA MAGALHÃES RIBEIRO

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Kischinhevsky

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

R484r Ribeiro, Estela Magalhães
 O radiojornalismo narrativo como gênero de
divulgação científica: uma análise do podcast 37
Graus / Estela Magalhães Ribeiro. -- Rio de
Janeiro, 2024.
 51 f.

 Orientador: Marcelo Kischinhevsky .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2024.

 1. podcast. 2. jornalismo narrativo. 3.
divulgação científica. 4. multimídia. I. Kischinhevsky
, Marcelo, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **O radiojornalismo narrativo como gênero de divulgação científica: uma análise do podcast 37 Graus**, elaborado por **Estela Magalhães Ribeiro**.

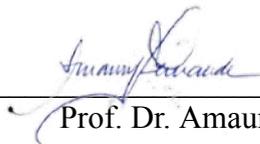
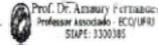
Aprovado por

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO KISCHINHEVSKY**
Data: 16/07/2024 11:25:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo Kischinhevsky (orientador)

Documento assinado digitalmente
 **CARINE FELKL PREVEDELLO**
Data: 27/07/2024 11:00:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carine Felkl Prevedello

 
Prof. Dr. Amaury Fernandes
Professor associado: ECO/UFRRJ
SIAPF: 3300185

Grau:

Rio de Janeiro, no dia 15 / 07 / 24

Rio de Janeiro

2024

RIBEIRO, Estela Magalhães. **O radiojornalismo narrativo como gênero de divulgação científica: uma análise do podcast 37 Graus**. Orientador(a): Marcelo Kischinhevsky. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

A divulgação científica está em busca de meios eficientes e interativos para transmitir suas mensagens, e encontrou no podcasting um aliado. A modalidade radiofônica sob demanda, em sua segunda era, se consolida e continua a crescer, e o interesse do público por programas sobre ciência também aumenta. Nesse contexto, o podcast 37 Graus emerge como uma proposta de difusão da ciência por meio do radiojornalismo narrativo. Produzido e apresentado pela bióloga Sarah Azoubel e pela jornalista Bia Guimarães, o programa utiliza técnicas de storytelling para abordar assuntos da Biologia, relacionando-os ao cotidiano do ouvinte. Este trabalho utiliza a metodologia da Análise Audioestrutural do Podcast para identificar características do podcasting narrativo no episódio “O clone do pai da Bia”, que explora questões relacionadas à genética e à história do estudo da hereditariedade. Além disso, ele observa como o podcasting e seu fator multimídia servem à divulgação científica.

Palavras-chave: podcast; jornalismo narrativo; divulgação científica; multimídia.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Radiojornalismo narrativo	9
2.1. Jornalismo e literariedade	9
2.2. Podcasting	14
2.3. Linguagem radiofônica, sob demanda	17
2.4. Radiojornalismo narrativo em podcasts	21
3. Podcasting e Divulgação Científica	26
3.1. Ciência ao pé do ouvido	27
3.2. Divulgação científica no 37 Graus	29
4. Som e ciência: podcasting narrativo no 37 Graus	32
4.1. 37 graus, mas depende	33
4.2. O clone do pai da Bia	35
4.3. Multimídia e interação	37
4.4. Podcasting narrativo no 37 Graus	39
5. Considerações finais	44
6. Referências bibliográficas	47

1. Introdução

Com a proposta de “decifrar o mundo à nossa volta”, o podcast 37 Graus aborda diferentes áreas da Biologia de forma lúdica e imersiva. Apresentado pela bióloga Sarah Azoubel e pela jornalista Bia Guimarães, o programa associa a contação de histórias, muitas vezes pessoais, à entrevista de cientistas, pesquisadores e especialistas. O podcasting, modalidade radiofônica sob demanda, continua a crescer após a pandemia do novo coronavírus, quando houve um desenvolvimento acelerado da prática.

Um estudo do Cetic¹ de 2022, que monitora o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil, mostrou que o consumo de podcasts cresceu 132% no pós-pandemia. A pesquisa revelou que 41 milhões de brasileiros ouviam a modalidade com frequência, sendo que, em 2019, eram 17 milhões. Com dados mais recentes, a pesquisa Inside Audio 2023 constatou um crescimento de 23% no número de ouvintes de podcasts em comparação ao ano anterior.

Assim, observa-se um processo de consolidação da modalidade emergente, num momento que Bonini (2020) chama de “a segunda era do podcasting”. As ferramentas de produção de podcasts se tornaram mais acessíveis e, com as plataformas de streaming de áudio como o Spotify, o Deezer e o Google Podcasts, a difusão do conteúdo passou a atingir mais e mais ouvintes.

A modalidade radiofônica é flexível e podem ser encontrados programas dos mais diferentes assuntos. Na categoria Comédia existe o Podpah, um dos maiores podcasts brasileiros; em Ficção, o Não Inviabilize traz uma seleção de contos e crônicas; em Notícias, destaca-se o Café da Manhã, programa informativo do jornal *Folha de S.Paulo*. Mas as categorias que mais cresceram, segundo dados do Spotify de 2023, foram Crime e Suspense, que foi 111% mais ouvida por jovens, e Ciência, que subiu 84% pela mesma demografia.

Uma vez que o 37 Graus é um podcast sobre Ciência, assunto cada vez mais popular numa modalidade sonora que, por sua vez, também está em expansão, ele pode ser usado para exemplificar e refletir sobre as características do radiojornalismo narrativo e sobre a aplicação prática das técnicas de podcasting na intenção de realizar divulgação científica.

Além disso, ele se diferencia de outros programas enquadrados na categoria Ciência por seu formato baseado na contação de histórias. As estruturas mais recorrentes nos podcasts de divulgação científica são o bate-papo ou mesa redonda e a entrevista (Figueira, 2022),

¹ Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

como é o caso do Dragões de Garagem e do Fala, Cientista!, respectivamente. Ao unir o uso da narração e do storytelling ao propósito de difusão da ciência, o 37 Graus se torna objeto de interesse deste trabalho.

Por meio de revisão bibliográfica e análise de um episódio, o presente trabalho buscará apontar as técnicas utilizadas e verificar se o programa se enquadra no gênero radiojornalismo narrativo, que envolve o espectador numa contextualização dos acontecimentos, indo além do relato do cotidiano, por meio do uso de técnicas de storytelling. Ele busca dar coerência ao mundo partilhado pelos ouvintes, por vezes ajudando a construir consensos e dissensos (Kischinhevsky, 2018). Essas técnicas já são mencionadas no site do Instituto Serrapilheira, apoiador do programa: “os episódios aproveitam as técnicas do storytelling e da comunicação sonora, retratando histórias e personagens por meio de cenas, ambientações, trilhas e entrevistas”.

Além disso, sob a hipótese de que o podcasting - em especial, o podcasting narrativo - pode ser um aliado à divulgação científica, este trabalho buscará compreender as características da modalidade que facilitariam a interlocução entre a esfera da ciência e outras esferas da sociedade. A partir da noção de que o termo divulgação científica faz referência às diferentes formas de produção, formulação e circulação do conhecimento científico na sociedade (Silva, 2006), será evidenciado o papel desempenhado pelo 37 Graus no contexto da difusão da ciência.

Será analisado o episódio “O clone do pai da Bia”, que abre a sétima temporada do programa, intitulada “Hereditária”, e foi ao ar em 11 de abril de 2023. Nele, Guimarães e Azoubel contextualizam o estudo da hereditariedade e exploram a construção do genoma humano, na tentativa de responder a pergunta que descreve o episódio: “como os 8 bilhões de habitantes da Terra podem ser tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão iguais?”.

A estreia de “Hereditária” conta uma história da família de Guimarães, que ela relata ter ouvido diversas vezes durante a infância: de como seu pai, Silvio Carvalho, encontrou um suposto clone na cidade de Iporanga, no interior de São Paulo. Após ser “reconhecido” diversas vezes na cidade por pessoas que pensavam estar conversando com Noel Gonçalves, Carvalho encontra seu clone e admite, em entrevista para o podcast, ter ficado surpreso com a semelhança.

A história, narrada em grande detalhe, é usada como gancho para falar da história do estudo da hereditariedade, questionar sobre a possibilidade de encontrar pessoas idênticas que não sejam parentes e explicar sobre sequenciamento genético. Isso é feito pelas apresentadoras do programa por meio de pesquisa e entrevista com os especialistas Lygia da

Veiga Pereira, professora do departamento de Genética e Biologia Evolutiva da USP, e Tiago Ferraz, biólogo e pós-doutorando no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

O fim do episódio traz um desfecho para a história do “clone do pai da Bia”, no qual a apuração de Azoubel e Guimarães as leva até Iporanga/SP, onde Silvio Carvalho conheceu seu “clone” no início dos anos 90. As apresentadoras conseguem encontrar Noel Gonçalves, mas, quase 30 anos depois, não acham ele muito parecido com o “pai da Bia”. Fotos dos dois estão disponíveis no site do 37 Graus, para que os ouvintes possam comparar e tirar suas próprias conclusões, bem como hiperlinks para estudos citados durante o programa. Esses aspectos multimídia permitem que os ouvintes se engajem e se aprofundem no assunto (Lopez; Freire, 2020).

A revisão bibliográfica para este trabalho será dividida em dois capítulos. O primeiro, “Radiojornalismo narrativo”, tomará como base as relações entre jornalismo e literariedade para entender como a narração e as técnicas de storytelling aparecem na modalidade sonora sob demanda. Também será abordada a relevância do estudo do podcasting, que tem apresentado crescimento anual tanto de produções quanto de consumo.

O capítulo seguinte, “Podcasting e divulgação científica”, se voltará para o uso da nova modalidade radiofônica para fins de difusão da ciência. Serão elencadas as características do meio que o tornam interessante para a divulgação científica e, em seguida, esses aspectos serão identificados no programa 37 Graus.

O último capítulo será dedicado à análise do episódio “O clone do pai da Bia” do podcast 37 Graus. A metodologia utilizada será a Análise Audioestrutural do Podcast, proposta por Silva (2022), que busca compreender o uso das fontes, a estrutura do programa e os conteúdos abordados em três etapas:

- 1) Mapeamento da estrutura do podcast;
- 2) Identificação das fontes do episódio;
- 3) Análise e contextualização do conteúdo.

Assim, serão identificadas as características estruturais do 37 Graus, como o tamanho das temporadas e episódios, sua circulação, datas de lançamento, apoio financeiro e a dinâmica estrutural do programa. Se delimitando ao episódio “O clone do pai da Bia”, a análise buscará reconhecer e classificar as suas fontes, bem como o propósito que elas empregam no contexto do programa. Por fim, serão apontados trechos do episódio com a intenção de detectar as técnicas e os aspectos do radiojornalismo narrativo na prática.

2. Radiojornalismo narrativo

O jornalismo narrativo, observado num ambiente multimídia, é caracterizado pela sua contextualização detalhada dos acontecimentos reportados, possibilitada por uma apuração em profundidade. O uso de técnicas de storytelling, a contação de histórias, no gênero visa a imersão do leitor, internauta, ouvinte ou espectador. Ela permite a sua imersão na história, que traz uma experiência até sinestésica por meio da descrição.

Viana (2022, p, 149) diferencia o que ela chama de jornalismo “convencional/habitual” do jornalismo narrativo da seguinte maneira: “enquanto o primeiro tem como principal objetivo informar seu público, o segundo vai um pouco além, pois procura oferecer um mergulho sensorial na realidade, capaz de proporcionar experiências imersivas”.

Kischinhevsky (2018) utiliza o termo *radiojornalismo narrativo* para descrever a manifestação desse gênero no meio do rádio e seus elementos próprios: a trilha sonora, que evoca sentimentos; o uso da primeira pessoa e de linguagem que lembra a contação de histórias; o uso de ganchos no início e no fim dos episódios e a apuração em profundidade.

Na seção “Jornalismo e literariedade”, será abordada a narração no jornalismo, em busca de compreender como o jornalismo narrativo se manifesta no meio sonoro. Em seguida, será abordada a relevância do estudo do podcasting, como modalidade em expansão no Brasil e no mundo. No segmento “Linguagem radiofônica, sob demanda”, serão detalhadas as particularidades da nova modalidade de áudio e como sua linguagem se diferencia, em alguns aspectos, do rádio tradicional. Por último, em “Radiojornalismo narrativo em podcasts”, será abordada a forma que características narrativas do texto jornalístico aparecem em formato de áudio nos podcasts.

2.1. Jornalismo e literariedade

Para estabelecer as características que distinguem o jornalismo narrativo, dentre as formas que o texto informativo toma, é interessante compreender o uso da narração no texto jornalístico e a sua aproximação com a literariedade. Sodré (2009, p. 138-139) fala de um consenso entre os analistas da literatura sobre uma “fronteira entre o jornalismo e a ficção literária”, mas explora, a seguir, os limites dessa fronteira, ao abordar a “possibilidade de configuração do fenômeno literário no discurso informativo ou em ‘gêneros’ reconhecidamente jornalísticos”. O autor separa a ficção literária da literatura, que pode ser encontrada em textos originalmente não literários e é independente da ficção.

O uso de linguagem e técnicas vindas da literatura nas notícias acontece em alguns gêneros jornalísticos. É o caso do *New Journalism* estadunidense que, nos anos 50, foi marcado por um estilo profundo e narrativo, com inserção do jornalista como personagem nas suas reportagens. Conhecido por nomes como Truman Capote, Gay Talese, e Tom Wolfe, as reportagens do gênero “se aproximavam das narrativas realistas de ficção, com a exclusiva diferença de não haver – em tese e por definição – absolutamente nada fictício nos relatos publicados em periódicos” (Carvalho; Scheibe, 2016, p. 4).

O Jornalismo Literário, termo mais abrangente, é “caracterizado pelo uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos” (Czarnobai *apud* Carvalho, 2016, p. 4). Ao caracterizar o Jornalismo Literário, Martinez (2017) identifica o aprofundamento no relato e investigação mais detalhada quando comparada à notícia; a busca pela formação de um vínculo com o leitor ou espectador e a representação do que a autora chama de “histórias de vida”.

Quando um jornalista se comporta como um narrador literário - por exemplo, usando linguagem pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca a seu relato, litigando com as fontes de informação, etc. - não está ‘fazendo literatura’, e sim lançando mão de recursos da retórica literária para captar ainda mais a atenção do leitor. (Martinez, 2017, p. 144)

Encontram-se no Jornalismo Literário traços de relações com saberes além da Literatura, como a Sociologia e a Psicologia. É o caso do uso do método da história de vida, “na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta” (Nogueira *et al.*, 2017, p. 468). O método permitiria ao texto jornalístico a captação da história oral e o aprofundamento na memória e na identidade de seus personagens (Santos, 2009), que seria interessante na medida que o jornalista tem interesse em estabelecer vínculos afetivos com o leitor.

Assim, essa interdisciplinaridade permite que o texto ultrapasse “a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento” (Martinez, 2014, p. 66).

Ao diferenciar o texto jornalístico diário do que tem a presença da narração e da literariedade, Geraldine (2001) separa as “narrativas-fórmula” das “narrativas-vida”. As primeiras se limitam ao aspecto informativo: “a fórmula, ou técnica, jornalística afasta a produção da riqueza e da dinâmica das narrativas-vida ao basear-se no *lead* e na pirâmide invertida, já que tais modelos antecipam informações ou detalhes mais importantes para

despertar a atenção imediata da audiência” (Viana, 2022, p. 35). Já as narrativas-vida não se dobram ao tempo das redações e incluem diferentes elementos enunciativos. “Ao lançar mão de recursos ficcionais para a construção de narrativas verídicas, o jornalista estaria favorecendo o processo de interpretação do público em relação à realidade que é construída por meio de seu discurso” (Viana, 2022, p. 38).

Caracterizado pelo aprofundamento na contextualização, atenção para os detalhes na apuração jornalística e o uso de técnicas de *storytelling*, ou seja, contação de histórias, o Jornalismo Narrativo se diferencia do tradicional, que constrói uma leitura fragmentada do cotidiano.

[...] a prática do jornalismo narrativo aprofunda essa leitura, proporcionando um campo mais amplo de interpretações, através da contextualização dos fatos e do aprofundamento da informação, demandando muito mais do que a exposição de dados. Tais produções apresentam, ainda, algumas estratégias semelhantes às utilizadas pela ficção, como a construção do efeito de real por meio da verossimilhança, do detalhamento dos fatos e da descrição minuciosa. (Viana, 2022, p. 40)

Sodré (2009, p. 203) indica que a notícia constitui em uma sequência narrativa, “a transformação de um estado em outro”, e define o ato de narrar como contar uma história. O trânsito entre o discurso informativo e o texto literário “é propiciado pelo texto narrativo - este, sim, o maior ponto em comum entre a prática jornalística e a arte literária”. O autor destaca que é comum a ideia de que a aproximação do texto jornalístico à literariedade colocaria em xeque a suposta objetividade do jornalista, por causa da subjetividade do texto literário, mas essa noção “consiste no fundo em uma estratégia retórica, destinada a garantir o discurso do jornalista um reconhecimento de neutralidade ou isenção à realidade descrita” (Sodré, 2009, p. 143).

O valor da objetividade é, para o jornalista, o que permitiria a redação de um mesmo texto por diferentes autores, dado o mesmo acontecimento; a hipótese de que “se pode colocar seis repórteres em um tribunal a assistir seis horas de palavreado e eles saírem de lá com a mesma estória” (Chibnall *apud* Bird; Dardenne, 1999, p. 263). Mas, para Bird e Dardenne (1999), essa ideia está mais relacionada à existência de uma fórmula de construção da narrativa de sucesso, usada pelo jornalista, do que a uma objetividade absoluta.

Com relação à objetividade, entretanto, não parece haver um consenso entre os estudiosos. Genro Filho (1987, p. 185) defende que, por mais que os fatos jornalísticos sejam recortes da realidade, escolhidos para serem separados do todo, “é importante agregar que essa escolha está delimitada pela matéria objetiva, ou seja, por uma substância histórica e

socialmente constituída, independentemente dos enfoques subjetivos e ideológicos em jogo”. Assim, a forma de produção dos fatos jornalísticos levaria em conta determinações que são objetivas e também subjetivas, uma vez que os fatos são parte de um fluxo contínuo na realidade.

Porém, tomar o texto jornalístico como narrativo não impede que ele seja correspondente à realidade, mas expande as suas funções tradicionais de informar e explicar (Bird; Dardenne, 1999). Chaparro também traz a expansão da notícia em sua definição de reportagem, ao defini-la como um “relato jornalístico que expande a notícia, para desvendamentos ou explicações que tornam mais ampla atribuição de significados a acontecimentos ocorridos ou em processo de ocorrência.” (Chaparro *apud* Santos, 2009, p. 25). Assim, apropriação de elementos narrativos pelo jornalismo não indica uma tentativa de enganar a audiência e pode ser livre de prejuízo à informação, uma vez que os jornalistas “lançam mão de estratégias de comunicação para mobilizar as notícias como um recurso social” (Viana, 2022, p. 37).

Tuchman (1999) também defende a ideia de que as notícias podem ser consideradas textos narrativos:

Dizer que uma notícia é uma “estória” não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o facto de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade selectiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si só. Eles são documentos públicos que colocam o mundo à nossa frente. (Tuchman, 1999, p. 262).

Aqui, a tradução optou pelo uso da palavra “estória” no lugar de “*story*” em inglês - o título original do artigo é “*Telling stories*”. Segundo o Cambridge Dictionary, *story* “é uma descrição, verdadeira ou imaginada, de uma série de eventos conectados” (tradução nossa)². O verbete também define a palavra como “um relatório em um jornal ou noticiário de que algo que aconteceu”³. Assim, é possível concluir que *story* é uma palavra típica do leque do jornalismo anglófono, é usada como usamos, no português, a palavra “reportagem” ou até “notícia”. Inclusive, enquanto a primeira definição abrange a narração fictícia ou imaginada, a segunda, relacionada de forma mais óbvia e cotidiana ao jornalismo, fala apenas da descrição de acontecimentos, fatos.

² No original: "a description, either true or imagined, of a connected series of events". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/story>. Acesso em: 19 mar. 2024.

³ No original: "a report in a newspaper or on a news broadcast of something that has happened". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/story>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Já a palavra *history* é definida pelo mesmo dicionário como “(o estudo ou registro de) eventos passados considerados em conjunto” (tradução nossa)⁴, no sentido de ter um denominador comum para a delimitação desses eventos, podendo ser um período do tempo, um lugar ou um assunto, como o verbete exemplifica.

Por mais que os termos *history* e *story* tenham significados diferentes no inglês, os seus respectivos cognatos no português, história e “estória”, são sinônimos. A recomendação do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa é que se utilize somente a grafia “história”, “tanto no sentido de ciência histórica, quanto no de narrativa de ficção, conto popular, e demais acepções.” (Ferreira, 2010, s/p). Dessa forma, é possível que o uso da palavra “estória” na tradução tencione evocar um sentido de narração e contação de histórias.

Seja como for, o storytelling, contação de histórias, pode transformar a narrativa jornalística, tornando-a mais atrativa e capaz de fidelizar leitores. Em um cenário de grande fluxo de informação, o uso de técnicas narrativas que enfatizam a criatividade e as emoções é crucial para se destacar e capturar a atenção do público.

Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual, para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético. (Cunha; Mantello, 2014, p. 58)

Uma história é formada por tema, argumento, trama e sentido, e o storytelling faz com que a compreensão da mensagem seja “rápida e profunda”, por meio da carga emocional trazida pela técnica. “Muitas vezes, a história apela para o lado lúdico das pessoas e, por isso mesmo, indefeso, com pouca ou nenhuma resistência”. A sinestesia, mobilização dos sentidos do indivíduo, envolve o leitor ou espectador, uma vez que o conteúdo “pode ser visto, ouvido, trazer a lembrança de um aroma, de um sabor ou de um toque”.

Ao incorporar elementos narrativos que não apenas informam, mas emocionam, o texto jornalístico, em seus diferentes formatos, pode se conectar com as pessoas em um nível mais profundo. Na perspectiva da contação de histórias, “os relatos são ornamentados com adornos retóricos, canções e um toque pessoal - e é através das ‘estórias’ que as pessoas realmente compreendem os acontecimentos em termos humano” (Bird; Dardenne, 1999, p. 270).

⁴ No original: "(the study of or a record of) past events considered together". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/history>. Acesso em: 19 mar. 2024.

O jornalismo narrativo também é marcado pela imersão, que convida o sujeito a reconstruir a cena na sua imaginação. A ideia é que o acontecimento seja “relatado com tanta precisão que dá a impressão de que estamos vivenciando-o” (Fonseca; Lima; Barbosa, 2019, p. 1).

Um fator que contribui para este fim é a descrição das “cores” da narrativa, sejam elas cores literais, que orientam a produção das imagens na mente do leitor e ajudam na visualização da cena; seja a cor com o sentido da busca pelos detalhes. É preciso que “se destaque a descrição física ou psicológica de aspectos que repercutem visual ou emocionalmente sobre os participantes do fato narrado e, em consequência, capazes de mobilizar afetivamente o leitor” (Sodré, 2009, p. 214). Esse tipo de informação viria, no texto jornalístico narrativo, em grande parte da apuração aprofundada característica do gênero.

Num contexto das novas tecnologias da comunicação e a busca por informação multimídia, com produções jornalísticas em texto, vídeo e áudio, é preciso um relato que se diferencie e seja envolvente. O jornalismo narrativo cabe “em qualquer mídia, do impresso ao digital, e faz com que o tal consumidor se sinta seduzido pela criatividade” (Cunha; Mantello, 2014, p. 66).

2.2. Podcasting

O consumo de podcasts no Brasil teve um aumento importante nos últimos anos. Na pesquisa Inside Audio 2023, promovida pela Kantar IBOPE Media, 50% dos entrevistados afirmaram ter ouvido podcast nos últimos 3 meses. Este número representa um aumento de 23% no número de ouvintes do formato com relação ao ano anterior. Outro estudo, realizado pela plataforma CupomValido.com.br com dados da Statista e IBOPE e divulgado em 2022, mostrou que o Brasil é um dos maiores consumidores de podcast do mundo, com mais de 30 milhões de ouvintes.

Esse crescimento na escuta de podcasts é uma tendência mundial: de 2019 até 2023 houve um aumento de quase 70% no número de ouvintes em todo o mundo, sendo que o maior boom foi durante a pandemia do novo coronavírus. Os dados da plataforma Statista⁵ mostram que em 2020 e em 2021 houve um crescimento anual médio de quase 20%.

Segundo Bonini (2020), fatores como o aumento da qualidade dos podcasts produzidos, a expansão do uso de smartphones e a popularidade tanto do financiamento coletivo quanto das redes sociais agregadoras de áudio, como o Spotify e o Deezer,

⁵ Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1291360/podcast-listeners-worldwide/>. Acesso em 02 jun. 2024.

contribuíram para o crescimento no consumo desse formato no Ocidente. “O podcasting entrou numa nova fase de sua evolução, em que começa a gerar um mercado não mais simplesmente complementar ao do rádio, mas um mercado alternativo, que caminha para a profissionalização da produção e a normalização do consumo.” (Bonini, 2020, p. 15).

O autor chama esse momento de “a segunda era do podcasting”, que marca a expansão do meio das produções amadoras, voltadas para a expressão dos criadores do conteúdo, para o comércio massivo.

Diversos autores exploram o fenômeno do podcasting, observado desde 2004 (Carvalho, 2011; Viana, 2019; Kischinhevsky *et al*, 2020), e propõem suas definições, com divergências e convergências de elementos entre elas. Primo (2005), em um estudo pioneiro sobre o assunto, conceitua o podcasting simplesmente como “um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet” (Primo *apud* Carvalho, 2011, p.3). Lemos (2005, s/p) lembra da estrutura da informação radiofônica ao definir o podcast como “um sistema de produção e difusão de arquivos sonoros que guardam similitudes com o formato dos programas de rádio”.

Em sua definição, Bonini (2020, p. 1) fala de uma “tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro produzido por tradicionais editores, como rádio, companhias editoriais, jornalistas e instituições educacionais [...], ou criado por produtores independentes de rádio, artistas e amadores”. Sobre a origem do termo “podcast”, o autor ainda completa: “é um neologismo que combina “broadcast” e “pod”, em referência ao iPod, dispositivo da Apple, e à prática disseminada de escuta de áudio em tocadores de mídia portáteis” (Bonini, 2020, p. 14).

Kischinhevsky (2016, p. 68) associa o fenômeno ao rádio e define o podcast como uma “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras”. O autor usa o termo “rádio expandido” para falar das manifestações do meio de comunicação que extrapolam “as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música” (Kischinhevsky, 2016, p. 13). É importante sublinhar aqui a diferença entre podcasting (processo, prática) e podcast (produto):

O podcast é um formato sonoro que surge em meio às discussões acerca das apropriações de novas plataformas e modalidades pelo rádio, enquanto que o podcasting pode ser considerado uma prática cultural e comercial que envolve os processos de produção, transmissão, circulação e consumo de podcast. (Viana, 2022, p. 15)

Num primeiro momento, o podcasting assume um papel como ferramenta de

expressão individual e de visibilidade de atores sociais, facilitado pelo surgimento de serviços que tornaram a gravação e a postagem de arquivos de áudio, bem como a sua recepção, mais acessíveis (Kischinhevsky, 2016). A disponibilidade de ferramentas tecnológicas permite que a produção de podcasts seja realizada por qualquer pessoa, basta um computador e um microfone, facilitando a disseminação de informações especializadas para públicos específicos (Carvalho, 2011). “Com o barateamento dos equipamentos de informática, criar condições materiais para ser ouvido deixa de constituir questão primordial: há uma apropriação dos meios de produção por parte dos usuários.” (Herschmann; Kischinhevsky, 2008, p. 104).

Em seguida, com a apropriação da modalidade pela indústria da radiodifusão, diversos conteúdos, antes veiculados na rádio tradicional, seriam disponibilizados também de forma assíncrona na web (Kischinhevsky, 2016).

Assim, “o podcasting se tornou uma estratégia de atuação das emissoras convencionais no sentido de oferecer a possibilidade de escuta sob demanda de parte de sua programação”. Porém, o podcasting não deve ser visto como subserviente ao rádio: o equilíbrio razoável entre os modelos de produção demonstra “que o podcast estabeleceu-se como um espaço de disponibilização que permite a convivência dessas duas práticas” (Vicente, 2018, p. 95) - a produção independente e o conteúdo radiofônico tradicional, agora sob demanda.

Para as emissoras tradicionais, além da disponibilização da programação normal no formato de podcast, o acesso a acervos de rádio é facilitado, oferecendo uma nova vida a conteúdos que, de outra forma, poderiam permanecer inacessíveis.

Dessa forma, o podcasting oscila “entre seu potencial emancipatório, de empoderamento das audiências e dos grupos sem acesso prévio aos meios de comunicação, e seu impacto mercadológico, de reconfiguração da mídia sonora ou especificamente do radiojornalismo” (Kischinhevsky *et al*, 2020, p. 8).

Inclusive, um relatório divulgado pelo Spotify em 2023 registrou um aumento de 36% na produção de podcasts no Brasil com relação ao ano anterior. Atualmente a plataforma agrega mais de 6 milhões de programas, que variam de produções independentes a programas de canais tradicionais de comunicação do mundo todo. “O podcasting, que antes parecia um espaço privilegiado para uma comunicação de nicho ou para uma micromídia pessoal agora assume caráter cada vez mais massivo, parte da trilha sonora cotidiana, na esteira da expansão de um novo ecossistema midiático” (Kischinhevsky *et al*, 2020, p. 9).

Para Herschmann e Kischinhevsky (2008, p. 103), um fator atrativo na produção de podcasts é a falta de regras rígidas sobre a forma e o conteúdo. “Não há padrões de locução ou

restrições em termos de linguagem e temas abordados”. Entre particularidades e heranças do rádio tradicional, o podcasting emerge com uma nova linguagem para a produção de conteúdo sonoro.

2.3. Linguagem radiofônica, sob demanda

O podcasting é uma modalidade sob demanda, na qual o ouvinte pode escolher o quê, quando e onde ouvir, sem as amarras de uma grade de programação, tradicional do rádio em ondas hertzianas. Essa diferença tem impacto na linguagem utilizada no novo meio: não é necessária nem a pressa para dar a informação, causada pelo tempo limitado de transmissão no rádio, nem a redundância em busca da fixação do conteúdo na memória do ouvinte.

Kischinhevsky (2018) avalia que ainda há uma escassez de pesquisas que abordem a articulação do podcasting com o radiojornalismo e as características da linguagem própria do formato e, em geral, a abordagem ocorre sob a perspectiva da inovação educacional ou do ativismo midiático. “A modalidade representa uma ruptura com a lógica de fugacidade das transmissões radiofônicas exclusivamente em ondas hertzianas de décadas atrás” (Kischinhevsky, 2018, p. 75).

Vicente (2018, p. 98) também fala de uma ruptura com o rádio em alguns aspectos da linguagem: “o podcast tem assumido formatos de produção e características próprias que o distanciam, em alguma medida, da linguagem radiofônica tradicional – pelo menos no que se refere às emissoras comerciais – afirmando-se como uma nova prática de produção e consumo sonoro”.

Outros aspectos da linguagem radiofônica permanecem no podcasting, como a formação básica pela palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio:

Quando combinados, permitem que o ouvinte transcenda espaços e viaje pelo tempo, se essa for a intenção. O uso desses elementos radiofônicos permite aproximar o ouvinte da narração, seja ela baseada em fatos reais ou na ficção, fazendo com que ele crie imagens mentais que vão ilustrar a narrativa sonora. (Viana, 2022, p. 77 e 78)

Baseada nos apontamentos de Kaplún sobre a linguagem radiofônica tradicional, Viana (2022, p. 79) observa que “a construção de imagens auditivas, a comunicação afetiva, a empatia e os recursos de identificação compõem um passo importante na tentativa de aumentar o interesse do ouvinte e, conseqüentemente, iniciar o processo de fidelização às emissoras e aos programas”. O autor busca estratégias para manter o ouvinte interessado na mensagem, uma vez que ele considera que o rádio tem características que o limitam, como a

unisensorialidade, já que veicula somente sons e arrisca, assim, perder a atenção do ouvinte; a ausência de interlocutor, e argumenta que isso gera um distanciamento da audiência; e a fugacidade da mensagem, que gera a necessidade de repetição de informações na transmissão.

Segundo Viana (2022, p. 93), “essas características, entre outras, definem certas narrativas construídas pelo meio, como o uso de frases curtas e linguagem simples e clara, já que o ouvinte não pode retomar a mensagem veiculada”. Mas nesses aspectos o podcasting se diferencia do rádio tradicional.

O novo formato sonoro pode ser combinado a recursos multimídia como imagens, vídeos e texto e, dessa forma, estimula o ouvinte para além do áudio. As interações por meio das redes sociais reduzem a distância entre apresentador e audiência (bem como as visitas e ligações telefônicas aos estúdios, que valem também para a rádio tradicional), permitindo um diálogo assíncrono. Por último, a possibilidade de armazenamento do conteúdo radiofônico na internet, que ocorre inclusive em podcasts, tem o potencial de combater a fugacidade do material (Viana, 2022).

É importante destacar a autonomia do usuário no podcasting, que passa a decidir o que ouvir, quando e onde. Assim, a experiência de consumo de conteúdo se adapta às necessidades e preferências individuais de cada pessoa. Essa autonomia é possível graças à natureza assíncrona do podcasting, onde os episódios podem ser baixados e armazenados em dispositivos pessoais, permitindo a escuta offline e sem a necessidade de uma conexão contínua à internet. “Isso pode significar a possibilidade de criação de produtos sonoros diferenciados, mais extensos ou de conteúdos mais densos, antes evitados no meio radiofônico” (Carvalho, 2011, p. 5).

Essa flexibilidade contrasta fortemente com os meios de comunicação tradicionais, como o rádio, que exigem a presença do ouvinte em um horário específico para o consumo do conteúdo. Para Carvalho (2011), a capacidade de personalização e de controle é uma mudança significativa na forma como o áudio é consumido, dando ao usuário um papel ativo na curadoria de seu próprio conteúdo.

Separando drasticamente o podcasting do rádio, Berry (2019) identifica cinco pontos essenciais que caracterizam o novo formato:

- Intimidade: os podcasts criam uma conexão pessoal e direta com os ouvintes, muitas vezes devido ao formato de conversação e à entrega pessoal do conteúdo;
- Inovação: a flexibilidade do meio permite a experimentação com novos formatos;
- Informalidade: a produção de podcasts geralmente é menos formal e estruturada do que a do rádio, proporcionando uma sensação de autenticidade e proximidade;

- Independência: permite uma maior diversidade de vozes e perspectivas;
- (Des)intermediação: os podcasts permitem que os criadores se comuniquem diretamente com seus públicos, sem a necessidade de intermediários tradicionais, como editores ou produtores.

Esses temas ressaltam a natureza única dos podcasts e como eles se diferenciam de outras mídias de áudio, proporcionando uma experiência mais lenta, pessoal e diversificada. “Já notou que os produtores de podcasts não tem pressa, e mesmo os programas editados para ficarem mais curtos reservam um momento para parar e sentir o aroma das flores?” (Berry, 2019, tradução nossa)⁶.

A estrutura das narrativas construídas em podcasts também mostra adaptações quando comparada ao rádio. Enquanto neste os programas, cada um com sua narrativa individual e compreensível, formam uma grande narrativa na grade de programação da rede, naquele os episódios, inseridos em temporadas, constroem uma relação parecida. Falando de rádio convencional, Martinez-Costa e Diez Unzueta (2005) explicam que os elementos narrativos devem ser independentemente suficientes para escuta da audiência, mas que também é preciso se considerar a estrutura superior, o contexto no qual eles estão inseridos. Eles propõem o modelo da dupla articulação, sendo a primeira os gêneros e os programas e a segunda a programação contínua.

Cada contribuição narrativa é entendida em si mesma, estruturando uma série de elementos para sua preparação. Esta peça é articulada, por sua vez, em um segundo nível, que permite a construção de uma narrativa cheia de elementos denotativos e conotativos que enriquecem o modo narrativo estabelecido para transmitir fatos, conteúdos, opiniões, valores, etc (Martinez-Costa; Diez Unzueta *apud* Viana 2022, p. 49)

É por meio desse processo que “o conjunto das produções faz com que cada emissora desenvolva um estilo e uma identidade que são reconhecidos pela audiência como uma forma particular de narrar” (Viana, 2022, p. 49). Em busca de explicar a construção da realidade pela narrativa jornalística em podcasting, Viana (2022) sugere dois outros modos de apresentação: “1) Primeira articulação - os episódios e os elementos parassonoros que complementam a informação sonora; 2) Segunda articulação - as temporadas e o conjunto delas, compondo o próprio podcast, que possui uma identidade.” (Viana, 2022, p. 111 e 112).

Em seguida, a autora exemplifica sua proposta, a partir da exposição do assunto de cada temporada do podcast *Projeto Humanos*, com o objetivo de “mostrar que a composição

⁶ No original: “Have you noticed how podcasters take their time, even the shows that are edited to within an inch of their life take the time to stop and smell the flowers?”.

de narratividades em torno do podcast não é prejudicada pela sua característica autônoma e independente” e “ilustrar que o podcasting tem o potencial de criar tais possibilidades” (Viana, 2022, p. 112). As ideias da autora também se aplicam ao podcast 37 Graus, objeto de análise desta monografia, que tem 5 temporadas nas quais um único assunto⁷ funciona como fio narrativo, que conecta seus diversos episódios. Cada um dos episódios, por sua vez, apresenta uma história completa e pode ser ouvido de forma independente.

1) Epidemia - “a gente viajou pelo país e buscou histórias dos bastidores da Zika que você nunca ouviu (...) e no caminho a gente investigou como as epidemias acontecem, os cacôs que elas deixam pra trás e o que podemos esperar do futuro”;

2) Tempo - “parece que o tempo que passa na nossa cabeça não acompanha o calendário. O relógio não dá mais conta de contar nossa vida e o passado e o presente ficaram tão incertos e movediços quanto o futuro. (...) A cada 15 dias, sempre na terça-feira, uma história diferente para cutucar essas perguntas”

3) Na esquina da realidade - “Mas se a gente olhar para o universo, ele tá fazendo uma coisa que parece muito estranha (...) a nova temporada do 37 graus, Na esquina da realidade, onde nem tudo é o que parece”⁸

4) Corpo especulado - “Uma série sobre a conflituosa e não tão científica relação entre a ciência e o corpo feminino”⁹

5) Hereditária - “Histórias sobre como a hereditariedade deixou de ser algo que simplesmente acontece com a gente, para ser uma coisa que a gente tenta controlar.”¹⁰

Cada episódio conta uma história diferente que funciona sozinha e pode ser ouvida dessa maneira (primeira articulação). Além disso, os episódios estão articulados em uma temporada, que forma, por sua vez, uma outra narrativa (segunda articulação) e contribui para a formação da identidade do programa.

Na adaptação da linguagem radiofônica para a reprodução sob demanda, os possíveis formatos e assuntos para podcasting são ainda mais particulares. O programa “O Assunto”, do G1, terceiro podcast mais popular no momento, de acordo com dados da Apple e do Podtail¹¹, é um programa de notícias que foca em um assunto específico a cada episódio, com uma

⁷ O programa 37 Graus conta com sete temporadas e cinco episódios bônus. No entanto, a ideia de ter um único assunto que liga todos os episódios de uma temporada tomou forma a partir da terceira.

⁸ Trechos transcritos dos trailers das temporadas “Epidemia”, “Tempo” e “Na esquina da realidade”, disponíveis em: <https://pod.link/37graus>. Acesso em: 06 jun. 2024.

⁹ Descrição da temporada “Corpo especulado” segundo o site do projeto. Disponível em: <https://www.37grauspodcast.com/temporadas/corpo-especulado/>. Acesso em: 06 jun. 2024.

¹⁰ Descrição da temporada “Hereditária” segundo o site do projeto. Disponível em: <https://www.37grauspodcast.com/temporadas/hereditaria/>. Acesso em: 06 jun. 2024.

¹¹ Dados da plataforma. Disponível em: <https://podtail.com/pt-BR/top-podcasts/br/>. Acesso em: 15 jun. 24.

análise aprofundada. O “NerdCast”, um pioneiro no Brasil, tem um formato que varia entre mesa-redonda e entrevista. Já o programa “Modus Operandi”, entre os dez mais ouvidos, aborda crimes reais num formato de narrativas da realidade. É entre tantas possibilidades de assuntos e formatos, combinações de podcasting que parecem infinitas, que o 37 Graus escolhe combinar a narração e a divulgação científica, e assim expressa suas características particulares que serão detalhadas à frente.

2.4. Radiojornalismo narrativo em podcasts

Em uma análise comparativa dos 20 podcasts mais populares no Brasil e nos Estados Unidos em 2019, Silva e Santos (2020) descobriram que o jornalismo narrativo - que os autores caracterizam pelo uso de técnicas de *storytelling* - é o formato mais ouvido pelos americanos. O estudo mostra que os programas que utilizam dessas técnicas são centrados no texto, na interpretação dos locutores e na música que compõe a narrativa. Assim, “as sonoridades e trechos de interpretação contribuem para que a narrativa seja contada com maior poder de convencimento em sua verossimilhança” (Silva; Santos, 2020, p. 62).

As chamadas técnicas de *storytelling* parecem estar se consagrando no mundo dos podcasts dentro das linguagens com maior aderência à plataforma. Não somente os programas policiais as exploram, mas também os jornalísticos diários temáticos, formato que vem ganhando destaque nos dois países, e programas de divulgação científica, entre outros. (Silva; Santos, 2020, p. 73)

Viana (2022) também aborda a utilização de técnicas de *storytelling* para caracterizar o radiojornalismo narrativo. No estilo, há construção de narrativas jornalísticas que exploram a complexidade dos eventos e personagens envolvidos nas notícias. Essa abordagem busca transcender a simples apresentação de fatos, com foco na criação de uma experiência auditiva imersiva e emocionalmente rica para o ouvinte.

A autora elenca as seguintes características principais:

- Imersividade: o áudio é naturalmente imersivo, permitindo que o ouvinte se sinta parte da história. A imersão é potencializada por estratégias narrativas e pelo uso de sons ambientes, música e efeitos sonoros;
- Narrativa autoral: os narradores de podcasts muitas vezes adotam uma abordagem pessoal, compartilhando suas próprias impressões e experiências. Isso cria uma conexão mais profunda com o ouvinte e humaniza a narrativa;
- Dramaturgia: a construção de histórias em podcasts frequentemente segue estruturas dramáticas, utilizando ganchos e suspense para manter o interesse e o suspense ao longo dos

episódios.

Ao analisar a série “O Caso Evandro”, do podcast Projeto Humanos, a autora conclui que a imersividade no radiojornalismo narrativo é alcançada através da construção de um ambiente sonoro detalhado, que inclui sons ambientes, músicas e efeitos sonoros que complementam a narração. Isso cria uma atmosfera que ajuda o ouvinte a se sentir parte da história. A dramaturgia é fortalecida pela edição cuidadosa das entrevistas e pela escolha de momentos chave para revelar informações cruciais, mantendo o suspense e o interesse do público. Dessa forma, contempla “a relação íntima do rádio de fazer com que o indivíduo internalize uma percepção memorável da sua própria existência, proporcionando um nível intensificado de reflexão” (Viana, 2022, p. 141).

Outro aspecto elencado pela autora é o metajornalismo, quando o repórter mostra os bastidores da notícia e o processo de apuração fica em evidência. “A autorrepresentação do jornalismo, traduzida em discurso, contribui para retomar valores básicos da profissão, ao mesmo tempo em que busca estabelecer uma relação de confiança com seu público por meio de ações que procuram a representação da verdade” (Viana, 2022, p. 167-168).

Segundo Oliveira (2016, p. 38), ao adotar uma perspectiva autorreferencial, o jornalismo pode transcender o discurso normativo tradicional e contribuir para uma compreensão mais aprofundada e contextualizada de sua prática. “O jornalismo e os jornalistas também podem ser sujeitos da notícia, isto é, que, enquanto agentes sociais cujo discurso não é inconsequente, também são objeto de interesse público”. Esse aspecto está relacionado à narrativa autoral, uma vez que, se o locutor expõe suas experiências e opiniões, “o processo jornalístico ocupa também parte de seus relatos pessoais” (Viana, 2022, p. 166), e o metajornalismo se torna uma característica da narrativa.

Kischinhevsky (2018, p. 79) aponta a apuração em profundidade como características do radiojornalismo narrativo “ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo das sonoras usadas no radiojornalismo convencional – raramente, superiores a 30 segundos de duração”.

Segundo a pesquisa Culture Next do Spotify, de junho de 2023, 78% dos ouvintes entre 18 e 24 anos concordam que os podcasts se aprofundam nos assuntos e 77% afirmam que os programas da modalidade ensinam sobre assuntos que eles gostariam de ter aprendido na escola. Os dados evidenciam a responsabilidade dos produtores de trazer informação de qualidade, bem como a conquista da credibilidade pelo meio.

A linguagem se aproxima da contação de histórias, com uma redução do nível de

redundância característico do texto no rádiojornalismo. São utilizados ganchos e resumos explicativos que abrem e encerram os episódios, inspirados na lógica da ficção seriada. Além disso, destaca-se a trilha sonora, usada para evocar sentimentos e sensações, e o uso da primeira pessoa, que é recorrente pelos apresentadores, que verbalizam suas dúvidas, impressões e opiniões. A narrativa inclui descrições ricas de ambientes e situações, proporcionando uma experiência mais imersiva.

Há uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos. Percebe-se que ganha contornos um novo formato de rádiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo. (Kischinhevsky, 2018, p. 79)

Para Barsotti e Santa Cruz (2020), os podcasts são um formato promissor para a expansão do jornalismo literário, permitindo uma conexão mais profunda e pessoal com o público por meio da sonoplastia e da narrativa envolvente. Em sua análise do podcast Vozes, da Rádio CBN, as autoras encontram elementos do jornalismo literário no programa, como:

- Imersão: o jornalista se insere profundamente na realidade relatada, mantendo uma postura ética e clara como testemunha;
- Estruturas Complexas: abandono do *lead*, “a história pode ser apresentada por meio de cenas, tal qual em um romance” (Barsotti; Santa Cruz, 2020, p. 141);
- Voz Autoral: permite uma narração mais pessoal e envolvente;
- Simbolismo: a narração convida o ouvinte a se imaginar nos contextos dos entrevistados e usa metáforas para alcançar a compreensão, “o que geraria a universalização temática de assuntos que poderiam ser considerados particulares” (Barsotti; Santa Cruz, 2020, p. 156 e 157);
- Histórias Rotineiras: foco em histórias do cotidiano e de interesse humano;
- Precisão e Responsabilidade Ética: embora não detalhadas explicitamente na análise, são evidentes na preservação da identidade dos entrevistados e no rigor da apuração.

Sobre a voz autoral e a abordagem de histórias rotineiras, Lindgren (2020) argumenta que o rádio e os podcasts são particularmente eficazes para explorar experiências pessoais vividas. A escuta personalizada através de fones de ouvido cria um vínculo íntimo entre as vozes das histórias e o ouvinte, o que não é facilmente replicável por outras formas de mídia. Isso é reforçado pelo "calor, empatia e personalidade" transmitidos pelas vozes nos podcasts,

que oferecem uma companhia acolhedora aos ouvintes, funcionando como um antídoto para a solidão da internet.

Mas a autora alerta que “capturar e compartilhar histórias que lidam com profundas experiências pessoais traz, no entanto, um grande risco de exploração abusiva, especialmente quando as linhas entre não-ficção e ficção são borradas” (Lindgren, 2020, p. 133).

Requere-se dos ouvintes a consciência aguda sobre o podcast como um artefato e uma habilidade bem desenvolvida para entender criticamente o que ouvem enquanto seguem os apresentadores transitando com desembaraço das “especulações selvagens” e opiniões aos fatos. Baseia-se em práticas de produção cuidadosas que equilibram a ideia de Ira Glass da participação ativa do repórter na história e aquela do repórter objetivo tradicional que fica fora do quadro. (Lindgren, 2020, p. 132)

Foram identificadas diversas características do radiojornalismo narrativo e da expressão desse gênero no podcasting, bem como suas técnicas para aproximação com o ouvinte e manutenção do seu interesse. Mas a base dessa modalidade consiste, ainda, em sua função social: “o jornalismo narrativo em podcasts tem como principal função contribuir para a formação de opiniões críticas por meio da informação, para continuar atuando como um dos pilares de qualquer sociedade democrática” (Viana, 2022, p. 257).

Assim, para análise do podcast 37 Graus neste trabalho, serão consideradas as seguintes características principais do podcasting narrativo:

- **Proximidade:** além da aproximação natural entre locutor e ouvinte trazida pela escuta em fones de ouvido e a qualquer hora, em qualquer lugar, essa relação é fortalecida pela abordagem de narrativas autorais, ou seja, o compartilhamento de histórias, ideias e experiências pessoais dos apresentadores. Sendo o processo jornalístico parte da experiência do produtor do podcast, o metajornalismo aparece nesses relatos, quando o apresentador fala dos bastidores. Além disso, o uso da primeira pessoa e da linguagem coloquial trazem a sensação de intimidade para a audiência.
- **Imersividade:** o podcasting narrativo constrói cenas na imaginação do ouvinte por meio do uso de técnicas de storytelling, que permitem que a história seja narrada como um romance, muitas vezes de forma cronológica. A descrição detalhada de ambientes e de entrevistados, assim como o simbolismo, que convida os ouvintes a imaginar as situações descritas em busca da compreensão, contribuem para a imersão da audiência. Por fim, a trilha sonora é usada para evocar sentimentos e sensações, completando o envolvimento na

narrativa.

- **Função social:** a apuração em profundidade, que leva o jornalista a uma imersão no caso e permite o detalhamento da informação no podcast, é um aspecto que reforça o compromisso com a função social do podcasting narrativo. Além disso, a independência característica do meio, que dá voz à diversidade por meio da acessibilidade da produção, permite a difusão de mensagens e perspectivas que poderiam não ter lugar na mídia tradicional.

A composição do meio é híbrida, misturando elementos sonoros, radiofônicos, jornalísticos e literários. “Assim, descreve, interpreta, narra e aprofunda os acontecimentos sociais, formando um discurso emergente e com presunção de confiabilidade, capaz de mudar realidades construídas anteriormente pelo olhar da mídia tradicional” (Viana, 2022, p. 257).

Partindo da hipótese de que a função social do podcast 37 Graus é desempenhar um papel na difusão da ciência, é importante mostrar como isso acontece e exemplificar a observação das características apontadas no próprio programa.

3. Podcasting e Divulgação Científica

Além de ser um exemplo interessante para observar a expressão do radiojornalismo narrativo em podcasting, outro aspecto que mostra a relevância da análise do programa 37 Graus é o aumento reportado na escuta de podcasts da categoria Ciência pelos brasileiros jovens. A pesquisa Culture Next do Spotify de 2023 mostra um aumento de 84% no consumo dessa categoria pela Geração Z, quando comparado ao ano anterior. Dessa forma, é interessante observar como o podcasting na área da Ciência contribui para a divulgação científica e atinge essa população.

Segundo Silva (2006, p. 53), o termo “divulgação científica” faz referência “à forma como o conhecimento científico é produzido, como ele é formulado e como ele circula numa sociedade como a nossa”, incluindo uma diversidade de tipos e formatos que esse conhecimento pode tomar. Ao citar artigos científicos, reportagens, relatórios, filmes e peças de teatro, o autor questiona a definição de um só tipo de texto para chamar de “divulgação científica”, e argumenta que ela pode acontecer em uma diversidade de meios.

Já Bueno (2010, p.1) delimita diferentes usos para os termos “divulgação científica” e “comunicação científica”. A primeira incluiria a democratização do acesso ao conhecimento científico e a “chamada alfabetização científica”: “Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho”. Já a segunda diz respeito “à disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos [...] em áreas específicas ou a elaboração de novas teorias ou refinamento das existentes” (Bueno, 2010, p. 1).

Entretanto, Silva (2006) questiona a oposição entre as figuras do “cientista” e do “não-cientista”, uma autoridade e outra consumidora do conhecimento, pressupostas na noção dos termos em questão e distanciadas nas definições de Bueno (2010). Assim, Silva defende que as interlocuções da esfera científica nunca estão restritas aos especialistas.

Nessas interlocuções entre essas diferentes esferas, política, empresarial e industrial, “científica”, “pública”, são produzidos diferentes textos. Não porque se trata de simplificar a ciência para um outro público, mas porque diferentes interlocuções implicam em diferentes memórias, em diferentes posições e, portanto, em diferentes textualizações. (Silva, 2006, p. 56)

Seja como for, a difusão da ciência no Brasil passa hoje, obrigatoriamente, pelas mídias sociais e novos meios de comunicação na web: “Quando se examina a divulgação científica no universo digital [...] é fácil perceber o papel de destaque desempenhado pela web

e pelas mídias sociais como fontes utilizadas para a comunicação da ciência” (Bueno, 2018, p. 56). Como um novo meio em expansão com suas próprias características, o podcasting pode superar a lacuna entre a mídia unidirecional e o diálogo ao vivo. Os programas são considerados, pelos ouvintes, como fontes confiáveis de informação e, associados “a instalações de discussão online, os podcasts se mostram como ferramentas flexíveis e potencialmente valiosas para se comunicar sobre a ciência” (Birch; Weitkamp, 2010, p. 889, tradução nossa)¹².

Por meio de uma revisão bibliográfica, este capítulo apontará os aspectos do podcasting que o tornam um meio útil e favorável à divulgação científica e, em seguida, se voltará para o podcast 37 Graus, objeto desta análise, em busca de exemplos que mostrem a forma como ele realiza a sua função social de difusão da ciência.

3.1. Ciência ao pé do ouvido

Diversas características da linguagem dos podcasts, da sua forma de produção e dos processos que o envolvem são apontadas por pesquisadores como vantagens para a divulgação científica. A assincronia, a produção acessível e o engajamento do público são apontados por Picardi e Regina (2008) como fatores importantes nesse sentido. O podcasting é mais flexível e permite a quebra da programação radiofônica em seções que interessam a públicos menores e específicos, facilitando o descobrimento de conteúdo por seu público.

Quando comparado ao rádio, o podcasting apresenta a vantagem de oferecer controle total ao ouvinte, mantendo-o atento, permitindo a repetição de trechos do áudio. “O potencial dos podcasts reside não só na informação ou entretenimento do público leigo, mas no estímulo de conversas significativas, por exemplo, facilitando o diálogo entre ouvintes leigos e aqueles com uma gama de conhecimentos, sejam formais ou informais” (Birch; Weitkamp, 2010, p. 893, tradução nossa)¹³.

Pela acessibilidade do equipamento necessário e facilidade na produção, a modalidade possibilita o diálogo direto, sem intermediação, entre cientistas e o público interessado nas suas pesquisas. Assim, “jovens pesquisadores, mais ou menos interessados nas mudanças nos processos de informação e comunicação, encontraram nesse instrumento uma forma de falar

¹² No original: “Combined with online discussion facilities, podcasts represent flexible and potentially valuable tools for communicating about science”.

¹³ No original: “The potential of podcasts could lie not just in informing or entertaining lay audiences but in stimulating meaningful conversation, for example, facilitating dialogue between lay listeners and those with a range of expertise, including both formal and informal knowledge”.

dos seus projetos de pesquisa em seus setores”¹⁴. Essa forma de falar de ciência ao pé do ouvido, construindo intimidade e aproximando o produtor e o público, gera engajamento, transformando “um processo informacional unidirecional (típico na mídia tradicional) em formas interativas de diálogo. As mídias sociais também, e acima de tudo, criam novas e diferentes formas de ser cidadão e de participar no debate público, inclusive na ciência” (Picardi; Regina, 2008, p. 3, tradução nossa)¹⁵.

O aspecto informal e descontraído do meio tem o potencial de engajar os ouvintes mais efetivamente que meios tradicionais de divulgação científica. “A coloquialidade é uma marca nos podcasts, a busca da espontaneidade na forma de explicar os assuntos, o que torna a ferramenta de comunicação apropriada para a popularização da ciência” (Figueira, 2022, p. 40). Isso ajuda a desmistificar conceitos científicos complexos e a torná-los mais simpáticos, o público tem mais facilidade de se identificar com eles.

Se investe mais em produções com caráter lúdico, de maior espontaneidade entre os participantes, que podem ser apenas os apresentadores ou ter a presença de convidados, pois não desmerecem a importância do tema e envolvem mais o ouvinte. As pessoas aprendem sem perceber. (Figueira, 2022, p. 43)

O fator multimídia também é um atrativo do podcasting para a produção de conteúdos de divulgação científica: o áudio pode ser acompanhado de texto, vídeo e links externos que podem manter o ouvinte engajado com o assunto mesmo após o fim do podcast. Isso traz credibilidade ao programa e "enriquece o conteúdo com informações complementares, que permitem ao ouvinte o aprofundamento do tema” (Figueira, 2022, p. 34).

Além disso, os podcasts criam um senso de comunidade entre os ouvintes, que têm interesses similares na ciência e podem se encontrar e conversar por meio das redes sociais do programa e fóruns voltados para ele, quando esse for o caso. Esse aspecto pode promover o diálogo e a participação da audiência, tanto entre si quanto com os produtores do programa, aumentando o impacto da divulgação científica. “Essa interatividade aumentada e acessibilidade permite que o público participe e se envolva em discussões científicas” (Dantas-Queiroz; Wentzel; Queiroz, 2018, p. 1896, tradução nossa)¹⁶.

¹⁴ No original: “Young researchers, more or less interested in the changes in the information and communication processes, have found in this instrument a way to tell about their research projects in their sector”.

¹⁵ No original: “They turn unidirectional information processes (typical in traditional media) into interactive dialogue forms. Social networks are also and above all creating different and new forms to be citizens and to take part in the public debate, also on science”.

¹⁶ No original: “This greater interaction and accessibility allows the public to participate in and to embrace scientific discussions”

Dantas-Queiroz *et al* (2018) destacam que podcasts de divulgação científica de sucesso utilizam o humor e a linguagem informal para manter os usuários interessados e engajados. Segundo o levantamento dos autores, programas com assuntos relacionados ao entretenimento e a cultura pop são os mais consumidos, e sua análise do podcast *Dragões de Garagem*, voltado para a divulgação científica, confirmou essa ideia. “Os episódios que faziam referências a cultura pop tiveram uma quantidade similar ou maior de downloads que a média” (p. 1896, tradução nossa)¹⁷.

3.2. Divulgação científica no 37 Graus

Em uma análise exploratória dos podcasts brasileiros voltados para a divulgação científica, Figueira (2022) identificou o programa 37 Graus e reconheceu que ele se encaixa no gênero com base em alguns critérios. A autora partiu do conceito de que obras de divulgação científica são “ações organizadas, explícitas e intencionais que visam comunicar conhecimento, metodologias, processos ou práticas científicas em contextos em que não-cientistas são uma parte reconhecida do público” (Horst; Davies; Irwin, *apud* Figueira, 2022, p. 11).

Além disso, utilizou a ampla noção de “ciência” dada pelo CNPq, que abarca as Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes.

O programa 37 Graus é voltado para as Ciências Biológicas e sua última temporada, “Hereditária”, aborda questões sobre o código genético, reflete sobre a clonagem e a alteração de DNA e aborda a evolução das espécies. O primeiro episódio, “O clone do pai da Bia”, introduz o assunto e a apresentadora Bia Guimarães questiona, para sua co-locutora Sarah Azoubel e para os pesquisadores entrevistados, se seria possível encontrar duas pessoas com o mesmo código genético. A transcrição a seguir mostra um diálogo desse momento:

Bia Guimarães: O que me consola é que essa pergunta na verdade intrigou pessoas inteligentíssimas ao longo da história da humanidade, né? Não exatamente essa que eu fiz pra você, mas como a hereditariedade funciona.

Sarah Azoubel: Entender como essas características são transmitidas e são misturadas e são recombinadas através das gerações. É, não foi um processo fácil na verdade. E nem tá sendo ainda um processo muito simples, porque é um campo que evolui tanto que a gente tem coisas que se dava como o dogma uma década atrás que hoje não são mais, e eu acho que é muito interessante pensar nisso. Como que a gente percebeu que tinha uma coisa

¹⁷ No original: “These “pop culture” episodes had similar or more downloads than the average number of downloads of non-pop culture episodes”.

que fazia com que todos nós fossemos iguais, mas ao mesmo tempo cada um de nós fosse único. (09'35'')

Esse trecho introduz o tema, pertinente à área da Biologia, e exemplifica a linguagem coloquial usada no programa. Ao abordar a evolução do pensamento científico no que tange a hereditariedade, as apresentadoras falam como em uma conversa informal e fazem perguntas para estimular a curiosidade do ouvinte e se aproximar dele.

Bia: É difícil saber quando exatamente o ser humano começou a pensar sobre a hereditariedade, mas uma das poucas certezas que a gente tem na vida é que todo mundo nasceu de alguém e todo bicho nasceu de outro bicho parecido com ele, então dá para dizer que esse papo já rolava muito antes da palavra hereditariedade existir. (11'22'')

Assim, as apresentadoras constroem uma base para a sua abordagem do assunto antes de iniciar as entrevistas com pesquisadores, uma vez que, conforme Figueira (2010, p. 11), os modelos recentes de divulgação científica “vêm enfatizando o papel que o campo tem de promover ações que vão além da transmissão de informação descontextualizada”.

O exemplo a seguir é de um trecho em que Bia Guimarães entrevista Tiago Ferraz, que é biólogo e um dos pesquisadores entrevistados no episódio.

Bia: Se existisse um jeito de eu fazer uma busca de todas as pessoas que já existiram, todos os DNAs de todo mundo que já existiu nesse planeta, é certeza absoluta que eu não ia achar ninguém com o DNA 100% igual ao meu?

Tiago: Isso. É certeza absoluta que você não ia achar. A não ser, assim... não, não existe essa possibilidade (risos).

Bia (narração): Depois de uma *hesitadinha*, ele logo deu a resposta categórica.

Tiago: Porque é isso, nem mesmo a sua irmã, que veio do seu pai e da sua mãe, ou seu irmão, do seu pai e da sua mãe, não compartilha 100% com você. Mas se a gente fosse enlouquecer e falar assim “beleza, eu tenho acesso a todos os indivíduos de todo o planeta inteiro”, eu diria que é muito improvável você ter um clone seu, exatamente igual, 100%, match de 100% ou 99,9999%. Seria muita coincidência, eu acho que isso seria um tipo... nossa, ia explodir a minha cabeça. Eu ia primeiro achar que era um erro de sequenciamento ou qualquer coisa do gênero. (21'38'')

O trecho transcrito mostra um diálogo bem-humorado, que reforça o caráter lúdico das produções, apontado por Figueira (2010, p. 43), já que “a forma como o tema é apresentado contribui para o interesse pelo conteúdo”.

Por meio da entrevista de especialistas e pesquisadores, o 37 Graus promove o diálogo entre diferentes esferas da sociedade, colocando em contato cientistas, jornalistas e público

interessado em ciência. Dessa forma, o programa pode ser considerado uma obra de divulgação científica. Diversas das características pontuadas como vantagens do podcasting para a difusão da ciência coincidem com as técnicas de radiojornalismo narrativo, como o uso da primeira pessoa e da linguagem coloquial na construção da intimidade com o ouvinte e a apuração aprofundada, necessária para a divulgação científica feita por jornalistas. Assim, na análise do programa 37 Graus, essas características se misturam e complementam, sempre com base na função social do podcast.

4. Som e ciência: podcasting narrativo no 37 Graus

A fim de destacar os elementos característicos do jornalismo narrativo presentes no programa 37 Graus, será feita uma Análise Audioestrutural do Podcast, metodologia proposta por Silva (2022) em sua dissertação “As fontes no podcast Mamilos: uma proposta de Análise Audioestrutural”. O método consiste na delimitação do conteúdo analisado; seguida do mapeamento da estrutura do podcast; da análise e classificação das fontes do episódio e, por fim, da interpretação analítica.

A autora divide a estratégia de análise em três passos. Primeiro, é preciso estabelecer a estrutura do podcast, que será o ponto de partida da análise. Serão identificados o ano de criação do projeto analisado, a apresentação do podcast, o seu tipo ou frequência, entre outras características. Em seguida, a análise se volta para a fonte do episódio, “o foco são as pautas abordadas (tema), como o conteúdo é apresentado para os ouvintes por meio do texto de apoio (descrição) e as fontes acionadas” (Silva, 2022, p. 68). A autora argumenta que as fontes “são essenciais para a construção da identidade de um podcast e do seu relacionamento com a audiência”.

No último momento, esse modelo de Análise Audioestrutural propõe a abordagem do conteúdo dos episódios, e “uma contextualização é realizada para identificar os pontos-chaves entre a estrutura, tema abordado, fontes e as inter-relações sociais” (Silva, 2022, p. 69). A autora pontua a análise descritiva e analítica do material e sua contextualização, apontando dimensões social, cultural, política, econômica, histórica, material e suas inter-relações.

Dessa forma, a primeira seção desta análise, “37 graus, mas depende”, visa apresentar o programa e suas características estruturais. Será abordado o contexto de lançamento do podcast e a sua categorização quanto a estrutura. A seguir, em “O clone do pai da Bia”, a análise se delimita ao episódio com esse nome, que será detalhado para compreender seu assunto e a função cumprida pelas fontes que aparecem.

O segmento “Multimídia e interação” explora os elementos parassonoros do podcast, que complementam o áudio com elementos multimídia e trazem informações extras, promovendo interatividade e aprofundamento dos temas discutidos.

Por fim, em “Podcasting narrativo no 37 Graus”, o episódio em questão será detalhado, por meio da transcrição de trechos, em busca de elementos de radiojornalismo narrativo.

4.1. 37 graus, mas depende

O primeiro episódio do podcast 37 Graus foi lançado em outubro de 2018. Na época, se tratava de uma iniciativa independente da jornalista Bia Guimarães e das biólogas Sarah Azoubel e Maria Letícia Bonatelli, que se desligou do projeto após a primeira temporada. O nome do programa é uma referência à temperatura média do corpo humano que, para Azoubel e Guimarães, traça uma relação entre ciência e histórias de vida, justamente a proposta do podcast. Em um post no Instagram¹⁸ de maio de 2021, as apresentadoras explicam que a temperatura do corpo depende de vários fatores - como sexo, idade, saúde, localização geográfica, estilo de vida - e completam: “a temperatura *padrão* 37°C é complicada e humana, como as histórias que a gente gosta de contar”.

A primeira temporada, publicada entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019, foi composta de apenas três episódios e a segunda de cinco, sem um tema que conectasse todos os episódios. Mas a partir da terceira temporada o formato se consolida: são entre cinco e oito episódios com duração média, variando de 30 a 60 minutos em geral. Até 2023, foi lançada ao menos uma temporada por ano, e nas mais recentes houve a estreia de um episódio por semana.

A cada temporada, um tema científico é abordado com profundidade e é relacionado a histórias de vida, tanto das apresentadoras quanto dos entrevistados que passam pelo podcast. A partir da categorização dos podcasts brasileiros proposta por Viana e Chagas (2021), é possível identificar a estrutura do 37 Graus como narrativa da realidade, uma vez que cada episódio conta histórias reais “utilizando de personagens com enredo marcado por conflitos e arcos narrativos”. Um exemplo dessa estrutura acontece no episódio “O clone do pai da Bia”, que será analisado detalhadamente mais adiante.

O programa circula em diversos agregadores¹⁹, classificado como multiplataforma, e está disponível para escuta no próprio site do projeto²⁰. Nas redes sociais e no site do programa, outro recurso que compõe a identidade do 37 Graus ultrapassa o meio sonoro: design e ilustrações temáticos.

¹⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/COvz45QHh0t/?img_index=4. Acesso em: 17 abr. 2024.

¹⁹ Lista de hiperlinks para o programa nos diferentes agregadores: <https://pod.link/37graus>. Acesso em: 14 mai. 2024.

²⁰ Disponível em: <https://www.37grauspodcast.com/>. Acesso em 16 mai. 2024.

Figura 1: Site do 37 Graus, com ilustração de capa da temporada Hereditária



Fonte: 37 Graus²¹

A partir da segunda, cada temporada tem sua identidade visual distinta ligada ao tema, com uma capa no topo do site e artes para cada episódio. Informações sobre as artes e a música utilizada, vinheta original, podem ser acessadas nos créditos de cada episódio, dentro das notas do episódio. A seguir, os créditos de “O clone do pai da Bia”:

O 37 Graus é uma produção do Lab37 e tem apoio do Instituto Serrapilheira. Esse episódio foi produzido e roteirizado por Bia Guimarães e Sarah Azoubel. Edição e desenho de som por Bia Guimarães e Sarah Azoubel. A trilha sonora original é do Gabriel Falcão. As ilustrações de capa são do Estúdio Rebimboca.²²

Em dezembro de 2018, o podcast foi selecionado por um edital do Instituto Serrapilheira, instituição privada e sem fins lucrativos que objetiva promover e dar visibilidade ao conhecimento científico. Desde então, o programa recebeu apoio do instituto e, ao longo das sete temporadas, contou com diversas parcerias e apoios. Esse é o contexto de lançamento da temporada “Hereditária”, que foi ao ar entre abril e julho de 2023 e é composta por sete episódios. Segundo o site do projeto, Azoubel e Guimarães contam “histórias sobre como a hereditariedade deixou de ser algo que simplesmente acontece com a gente, para ser uma coisa que a gente tenta controlar”.

²¹ Disponível em: <https://www.37grauspodcast.com/temporadas/hereditaria/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

²² Disponível em: <https://www.37grauspodcast.com/episodios/o-clone-do-pai-da-bia/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

Quadro 1: Estrutura do podcast 37 Graus

Identificação do Podcast	
CATEGORIA	UNIDADE
Ano	2018
Estrutura	narrativa da realidade
Espaço de circulação	multiplataforma
Tipo	por temporada
Periodicidade	sem definição
Apresentação	Sarah Azoubel e Bia Guimarães
Participação	espontânea simples
Expansão do Podcast	site; rede social
Duração	média
Design do programa	capas temáticas; vinheta original
Associação à	empresa

Fonte: elaboração própria

Quanto à participação, pode ser classificada como espontânea simples segundo a proposta de Lopez e Quadros (2015), uma vez que qualquer manifestação do ouvinte com a rádio, seja de forma pública ou privada, não tem uma interferência perceptível no conteúdo sonoro. Há exceção em episódios específicos, voltados para a interatividade da audiência, mas isso será detalhado à frente, assim como a expansão do programa para o site e as redes sociais e seu fator multimídia.

4.2. O clone do pai da Bia

“O clone do pai da Bia” foi ao ar em 11 de abril de 2023 e estreou a última temporada do programa: Hereditária. A descrição personalizada do capítulo lê: “A história de Silvio e Noel nos faz pensar na receita que faz a gente ser a gente. Como os 8 bilhões de habitantes da Terra podem ser tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão iguais?”²³.

Bia Guimarães abre o episódio com uma história sobre seu pai, Silvio Carvalho. A edição do programa intercala a narração de Guimarães com trechos da entrevista com seu pai,

²³Disponível em: <<https://www.37grauspodcast.com/episodios/o-clone-do-pai-da-bia/>>. Acesso em: 10/06/2024.

e eles contam a história juntos, de forma dinâmica. Em uma viagem ao interior de São Paulo, Carvalho conheceu um homem muito parecido com ele, e no podcast compara a aparência à de um clone: “Uma semelhança tão grande que dá mal-estar, me incomodava olhar para uma pessoa que parecia comigo. [...] Como pode duas pessoas tão iguais?” (37 GRAUS, 2023).

A partir dessa história pessoal, Guimarães propõe perguntas introdutórias relacionadas à genética: “é possível eu achar alguém [...] geneticamente igual a mim? [...] Mas oito bilhões [de pessoas no mundo]! Será que não vai repetir esse código em algum momento?” (37 GRAUS, 2023), ao que Azoubel, bióloga e co-apresentadora do programa responde: “vamos pensar sobre isso”. Ao longo do episódio, as duas se aprofundam no assunto, com explicações e comparações, com o apoio dos entrevistados especialistas Lygia da Veiga Pereira, professora do departamento de Genética e Biologia Evolutiva da USP, e Tiago Ferraz, biólogo e pós-doc no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

A classificação das fontes no radiojornalismo utilizada na Análise Audioestrutural do Podcast (SILVA, 2022) é uma proposta de Kischinhevsky e Chagas (2017, p. 117) que caracteriza as fontes especialistas como “profissionais com reconhecido saber técnico ou científico sobre determinado campo em torno do qual se desenvolve uma cobertura jornalística”.

No contexto do uso de fontes na divulgação científica, Bueno (2011) identifica as fontes testemunhais, que incluem pesquisadores, cientistas e profissionais especializados, e as fontes documentais, que abrangem materiais como artigos, documentos, relatórios e periódicos especializados. No uso de ambas, a contextualização das informações no produto final é de extrema importância para promover um debate público mais saudável e fundamentado.

Também é importante a consulta de múltiplas fontes para oferecer uma visão mais completa e equilibrada do tema. Além das fontes “que podem discorrer ou analisar com propriedade conceitos e processos que dizem respeito às pautas de ciência, tecnologia e inovação”, a é recomendado que a reportagem inclua “outras fontes que “falam pela sociedade” e que não estejam, obrigatoriamente, comprometidas com a comunidade técnico-científica” (Bueno, 2011, p. 56). Assim, os jornalistas podem proporcionar aos leitores uma compreensão mais rica e nuançada dos assuntos científicos.

Quanto a Silvio Carvalho, entrevistado sobre uma história pessoal que é usada como gancho para falar da hereditariedade no programa, se classifica como fonte popular, categoria proposta por Kischinhevsky e Chagas (2017) que abrange as pessoas comuns convidadas a relatar um acontecimento ou história de vida.

4.3. Multimídia e interação

Além de funcionar como um acervo para o 37 Graus, com a disponibilidade de todos os episódios para reprodução e suas descrições, o site complementa o conteúdo dos episódios com informações que não podem ser transmitidas por áudio. Nas “notas do episódio” é possível acessar uma lista completa dos entrevistados, fotos mencionadas no programa e hiperlinks para matérias e estudos abordados, por exemplo. Esses elementos são o que Kischinhevsky e Modesto (2014) chamaram de *parassonoros*:

Fotos, vídeos, ícones, infográficos e outras ilustrações de sites de emissoras, toda a arquitetura de interação (botões de compartilhar, etiquetar, curtir, espaços para comentários), textos, hiperlinks, perfis de estações ou de comunicadores em serviços de microblogging e sites de relacionamento, aplicativos para web rádio ou podcasting, serviços de rádio social. Tudo isso hoje é rádio –ou, mais precisamente, radiofonia. (Kischinhevsky e Modesto, 2014, p. 19)

Ao disponibilizar esse material para os ouvintes, Guimarães e Azoubel expandem o assunto com o uso de outras mídias. Assim, é possível que o ouvinte construa seu próprio caminho para seguir, após ou até durante a escuta do podcast, com o uso de hiperlinks, e isso gera interatividade.

Ao fazer uma análise do webjornalismo, Canavilhas (2003) identifica características como a não linearidade, a fluidez e o diálogo intertextual, bem como a multiplicidade de mídias, como áudio e vídeo, associadas ao texto. Essas características também se fazem presentes no podcast 37 Graus, na medida que ele estabelece uma relação do áudio, mídia principal, com imagens e texto por meio dos hiperlinks. “Assim, a disponibilização de um complemento informativo permite ao indivíduo recorrer a ele sem que isso provoque alterações no esquema mental de percepção da notícia” (Canavilhas, 2003, p. 4).

No episódio “O clone do pai da Bia”, as notas do episódio apresentam uma lista dos entrevistados, uma sessão “Para saber mais”, com links de artigos mencionados no áudio, e imagens de Silvio Carvalho, pai da Bia, e Noel Gonçalves, clone do pai da Bia, para que o ouvinte possa fazer as próprias comparações e atestar a semelhança - ou não - entre os personagens.

Em sua análise do podcast *Strange Bird*, Lopez e Freire (2020) identificam características multimídia no programa e argumentam que ele exemplifica uma inovação narrativa significativa, ao combinar elementos tradicionais do rádio com as possibilidades oferecidas pelas plataformas digitais, criando uma experiência imersiva única para os ouvintes. “Trata-se de uma possibilidade nova de fruição do conteúdo, que leva a um

engajamento da audiência ao ofertar, mesmo em uma produção sonora, a opção por caminhos narrativos distintos a seguir, com maior ou melhor aprofundamento.” (Lopez; Freire, 2020, p. 71).

Assim como *Strange Bird*, o 37 Graus em seu episódio aqui analisado conta com elementos parassonoros como imagens, que proporcionam uma dimensão adicional ao áudio ao permitir a participação do ouvinte, nesse caso na comparação entre os indivíduos parecidos; e hipertextos, que funcionam como caminhos narrativos que levam os ouvintes para fora do aplicativo, sem interromper o áudio. Eles direcionam para páginas externas, permitindo uma exploração mais profunda dos temas discutidos no podcast.

As possibilidades multimídia trazidas pelo podcasting também são abordadas por Carvalho (2011), que destaca que a combinação de elementos de som, texto e imagem permitem uma nova experiência e diferentes formas de interação com o material. “O podcast é uma ferramenta de distribuição de conteúdo digital via internet, portanto, pode ser suporte também de vídeos, textos, imagens estáticas e até mesmo de pacote de arquivos compactados em ZIP” (Carvalho, 2011, p. 3).

Outra forma pela qual Guimarães e Azoubel promovem a interatividade do ouvinte é por meio da criação de episódios bônus. Em outubro de 2019 estreou o primeiro “Bia e Sarah respondem”, episódio no qual elas respondem perguntas enviadas pelo público. O formato é completamente diferente dos episódios regulares, uma vez que não há roteiro, a estrutura se aproxima mais do debate, no qual “os participantes dialogam e interagem entre si, muitas vezes direcionando sua fala um para o outro.” (Viana; Chagas, 2021, p.11).

As novas formas de participação do público no conteúdo radiofônico mostram a reconfiguração dos conteúdos sonoros com a convergência midiática. Com novas ferramentas como chats, fóruns, redes sociais e aplicativos móveis, a internet aumenta a interação entre ouvintes e produtores e intensifica o fenômeno do rádio hipermidiático expandido (Lopez; Quadros, 2015).

Em outro episódio bônus, esse de janeiro de 2020, intitulado “A cidade mais poluída do mundo”, a interação com o público vem de uma outra forma. Em uma postagem²⁴ no Instagram de outubro de 2019, as apresentadoras pediam relatos e perguntas em áudio para os seus seguidores, a serem enviados pelo número de WhatsApp disponível na legenda. A proposta era que as pessoas enviassem suas memórias e dúvidas sobre a cidade de Cubatão, em São Paulo, que foi considerada a cidade mais poluída do mundo pela ONU na década de 1980.

²⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/B34LJ26npHW/?img_index=1. Acesso em 16 mai. 2024.

Com uma estrutura mais parecida com a dos episódios tradicionais, Guimarães e Azoubel intercalam sua narração aos trechos de áudios enviados pelo público. Diferente da maioria dos episódios, a participação nesse pode ser classificada como espontânea ampliada de acordo com a categorização proposta por Lopez e Quadros (2015), já que as manifestações dos ouvintes têm influência no conteúdo sonoro, inclusive o compõe. Essa iniciativa interessa os ouvintes, uma vez que está em consonância com uma tendência encontrada pelo Spotify por meio da pesquisa Fan Study 2023 - Podcast edition, na qual 73% dos entrevistados afirmaram que gostariam de mais oportunidades de interação com os apresentadores de podcast.

A interatividade promovida pela produção desse episódio, que envolve ativamente o público, é importante no âmbito da divulgação científica, uma vez que ela deve “privilegiar a relevância da informação para os diferentes públicos, e permitir que eles se engajem em camadas de interação com o campo científico” (Figueira, 2010, p. 11).

4.4. Podcasting narrativo no 37 Graus

Com base nos conceitos do radiojornalismo narrativo anteriormente detalhados, este capítulo buscará as características do estilo no episódio “O clone do pai da Bia”, a começar pela proximidade. Fatores como a narrativa autoral, contação de histórias de interesse humano, o metajornalismo e a intimidade trazida pela linguagem coloquial e o uso da primeira pessoa podem ser observados no episódio e tem o objetivo de aproximar o ouvinte do apresentador. No trecho transcrito a seguir, Bia Guimarães fala de suas próprias impressões sobre a história do pai e se coloca nela. Assim, além de vir da vida pessoal de uma das apresentadoras, o caso que abre a temporada é contado de forma íntima.

Bia Guimarães: Eu nunca tinha visto nenhuma foto do Noel, ele era só um rosto borrado numa das histórias mais marcantes da minha infância. Quer dizer, borrado mais ou menos, porque na hora que eu pensava nele eu simplesmente imaginava o meu pai. (06'19'')

Ao longo do episódio, as apresentadoras continuam a falar de suas impressões durante a apuração. Na narrativa autoral, “o sujeito que constrói o relato rompe com padrões discursivos e tem sua subjetividade trazida à tona como um elemento enriquecedor da narrativa” (Viana, 2022, p. 261).

Sarah Azoubel: Ah, eu não tinha certeza. Eu imaginei que a gente talvez não fosse encontrar, sabe, porque vai que as pessoas mudaram, vai saber o que aconteceu. Então eu tava tentando não criar muitas expectativas. (29'34'')

A narrativa autoral e a exposição das ideias e impressões das apresentadoras, como pontuado, abrem espaço para a inclusão de relatos sobre o momento da apuração, que podem ser ouvidos nesse episódio. “Estas práticas que apelidamos de metajornalísticas visam essencialmente a contextualização da ação jornalística” (Oliveira, 2016, p. 38). As falas de Azoubel e Guimarães aparecem no áudio como narração, diálogo entre elas, conversa com os entrevistados e gravações livres do momento da apuração. No próximo fragmento, é possível ouvir Guimarães chegando num bar em busca de Noel, o “clone” de seu pai, durante a apuração e, em seguida, comentando sobre o processo, em narração.

Bia: Eu tô procurando uma pessoa chamada Noel, vocês conhecem?

Bia (narração): Se você estava esperando uma saga cheia de desafios e perrengues, uma busca exaustiva atrás do clone e do meu pai, eu já vou te avisando que foi totalmente o contrário. O casal atrás do balcão nem titubeou. Claro que eles conheciam Noel. (30'25'')

Outro momento em que o episódio mostra presença do metajornalismo, trazendo destaque aos bastidores da notícia e às impressões pessoais do jornalista durante a apuração, é numa entrevista com a professora e geneticista Lygia da Veiga Pereira. A gravação da entrevista é intercalada com a narração de Guimarães, que fala sobre um pensamento que a ocorreu na ocasião da entrevista, assim destacando os processos produtivos do podcast na própria peça jornalística.

Lygia: Vamos, todo mundo pensa num número. O quanto o seu genoma é igual ao genoma de uma pessoa aí do seu lado.

Bia (narração): Nessa hora da entrevista eu lembrei que já tinha ouvido falar que 50% do nosso DNA é igual ao da banana. Então eu chutei logo 99%, mas ainda tava um tiquinho baixo.

Lygia: O nosso genoma é 99,9% idêntico. (17'35'')

O uso da primeira pessoa e da linguagem coloquial podem ser observados ao longo de todo o episódio, na forma como as apresentadoras se referem aos ouvintes, como elas conversam entre si e como conduzem as entrevistas. Na parte transcrita a seguir, a narração se refere diretamente ao ouvinte, simulando uma conversa.

Bia: Pra chegar até você precisou de muita gente, de uma trajetória genética longuíssima e super particular. Cada um de nós carrega informações das duas pessoas que fizeram a gente, das quatro pessoas que fizeram nossos pais, das

oito pessoas que fizeram os pais dos nossos pais, das 16 pessoas que fizeram os pais dos pais dos nossos pais, das 32 pessoas que fizeram os pais dos pais dos pais dos nossos pais, e chega, você entendeu. Você já entendeu o quão único e especial você é. Tá, talvez não tanto assim. (17'05'')

A imersividade é outro aspecto importante do podcasting narrativo, atingida por meio do uso de trilha sonora, da narração usando técnicas de storytelling, das descrições detalhadas e do simbolismo. No trecho a seguir, os áudios de Bia Guimarães e de seu pai, Silvio Carvalho, são intercalados. Narração e entrevista se complementam para contar uma história rotineira da vida dos locutores, com descrição de cenas característica das técnicas de storytelling. Também é possível, nesse trecho, ouvir uma trilha sonora que evoca suspense. “Fica, portanto, evidente que [...] no podcast, a imaginação do ouvinte é ativada tanto por meio da emoção das palavras quanto pela sonoplastia” (Barsotti; Santa Cruz, 2020, p. 156).

Silvio Carvalho: Por volta das 5 horas da tarde, então, eu troquei de roupa e fui dar um passeio na cidade. E pensei: vou tomar um refrigerante ali no bar. E fui em direção à praça da cidade. Quando eu tava quase chegando no bar, um rapaz me parou e começou a conversar comigo.

Bia Guimarães: Um rapaz “x”, desconhecido, que chegou totalmente do nada e começou a falar.

Silvio: Foi uma coisa que eu não tava... pra mim não fazia sentido.

Bia: Nisso, meu pai, que já não é a pessoa mais interativa do mundo, pensou:

Silvio: Caramba, eu chego na cidade e já vem um maluco querendo conversar comigo. (00'47'')

O programa também utiliza ganchos para unificar os episódios, fazer referência a outras partes da temporada e dar amostras dos assuntos que podem ser ouvidos assim que terminar o áudio atual. Além de despertar a curiosidade da audiência para continuar ouvindo o programa, essa técnica evidencia a grande narrativa composta por diferentes áudios, diferentes episódios em uma temporada.

Bia: nessa temporada, a gente vai falar mais sobre isso, mais sobre o passado e o futuro da evolução, sobre edição genética, sobre as fronteiras entre a genética e a cultura, sobre até que ponto a gente controla ou não a nossa hereditariedade (28'42'')

A descrição detalhada dos entrevistados é uma técnica utilizada para “sensibilizar a audiência e estabelecer vínculos entre ouvintes e personagens representados” (Kischinhevsky, 2018, p. 79). No contexto de “O clone do pai da Bia” a criação de uma imagem sonora se torna ainda mais importante, uma vez que um dos assuntos principais é a semelhança na aparência de duas pessoas.

Bia: Nessa época, meu pai tinha uns 30 e poucos anos de idade. Um homem de mais ou menos 1,70 [m] de altura.

Silvio: Pardo,

Bia: Cabelo crespo,

Silvio: Cabelo preto, magro.

Bia: E segundo o dono do bar, tudo no meu pai, até o jeito, parecia com o cunhado dele, que chamava Noel. (01'46'')

Da mesma forma, a descrição de ambientes também contribui para a imersão do ouvinte, fazendo com que ele imagine a cena narrada.

Bia: Então a gente foi até a esquina onde ficava o bar do cunhado do Noel e que hoje é uma loja de produtos de agropecuária. Tinha um casal lá dentro atrás do balcão. Eles deviam seus donos. (30'14'')

Enquanto as descrições detalhadas levam o ouvinte para o mundo narrado no podcast, o simbolismo traz este mundo para o do ouvinte. O uso de metáforas e de exemplos do cotidiano e da vida do ouvinte busca a compreensão, leva o assunto do particular para o geral. No trecho a seguir, a narração é muito mais rápida que no resto do programa. A fala acelerada serve um propósito narrativo: mostrar como a evolução no campo da genética foi rápida, houveram muitos avanços em poucas décadas. Por isso, Guimarães traz muita informação em pouco tempo.

Bia: Mas pelo meio do século XX, o DNA ganhou o centro da discussão como o guardador da nossa essência genética e entenderam que essas moléculas seguem uma estrutura de dupla hélice. É aquela forma torcida que a gente vê na apostila de biologia e, claro, na abertura da novela O Clone. Daí teve o primeiro sequenciamento de um gene, o primeiro clone de um gene, descobriram que dava para produzir insulina editando geneticamente uma bactéria e que a genética podia ser manipulada para atender às nossas demandas, os nossos caprichos... foi tudo muito rápido. (13'44'')

Além disso, quando ela fala da estrutura da molécula do DNA, busca construir uma imagem na mente do ouvinte com base no que ele já conhece, exemplificando com a apostila de biologia e a abertura da novela “O Clone”.

Por fim, é importante destacar a função social de divulgação científica do 37 Graus, que fica em evidência quando é possível observar a imersão, dessa vez da jornalista, no assunto tratado. No próximo trecho, Guimarães entrevista a professora Lygia da Veiga Pereira para compreender o assunto e o explica, com Azoubel, em seguida. A fonte especialista traz credibilidade ao programa e o envolvimento e interesse da apuração no assunto fica evidente. Como é característico da divulgação científica feita pelo podcasting, a proximidade e a

imersividade do meio desempenham papéis na proposição de um diálogo entre cientistas, pesquisadores e públicos de diferentes esferas da sociedade que possam se interessar pelo conhecimento científico (Birch; Weitkamp, 2010).

Bia: A gente foi conversar com uma pessoa que tava com a mão na massa na época do *hype*²⁵ do Genoma Humano.

Lygia: Quando eu fiz meu doutorado, eu ganhei um título de doutora porque eu sequenciei um gene do genoma humano.

Bia: A Lygia da Veiga Pereira é geneticista e professora da Universidade de São Paulo, a USP.

Lygia: Eu não sei se as pessoas se dão conta, mas um Genoma é uma receita que a natureza segue para formação e funcionamento de um ser vivo.

Bia: Uma receita escrita numa combinação de letras. Lembra das bases nitrogenadas que a gente aprende na escola? A, T, C, G: adenina, citosina, timina e guanina. O ser humano tem mais de 3 bilhões de pares dessas bases, dessas letras, e elas formam a molécula de DNA. E o nosso DNA tá impresso em cada célula do nosso corpo

Sarah: Cada célula vai ter um núcleo e dentro desse núcleo tá a mesma receita de bolo pra fazer... você. (15'06'')

Além disso, em busca de um desfecho para a história de Silvio e Noel, Azoubel e Guimarães viajaram até Iporanga/SP. A investigação era para verificar se os dois homens continuavam parecidos depois de tanto tempo, e é outro exemplo da apuração em profundidade, dessa vez numa história do cotidiano, construção do suspense e do destaque para os bastidores.

Bia (narração): Sim, nos primeiros dias de 2023 a gente pegou o carro e dirigiu umas 5 horas até Iporanga.

Bia: A gente veio procurar o clone do meu pai no Noel ou qualquer pista de como falar com ele.

Bia (narração): Eu finalmente decidi passar a limpo esse mistério, quase 30 anos depois daquele encontro que virou uma das histórias mais contadas da minha família.

²⁵ *Hype* é uma gíria em inglês que significa “algo que “está na moda”, do momento”, ou “o auge da fama de alguma coisa; um sucesso exagerado”, segundo o Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/hype/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

5. Considerações finais

O radiojornalismo narrativo, aplicado ao podcasting, é um forte aliado da divulgação científica na era da multimídia. Em aproximações com a literariedade, a narração no jornalismo busca envolver o indivíduo por meio do uso de técnicas de storytelling, da construção de cenas e da apuração em profundidade, que permite a riqueza de detalhes característica do gênero.

No podcasting, prática em ascensão que já se consolida no cenário midiático, a narração é marcada por três aspectos principais. São eles a proximidade, construída entre apresentador e ouvinte por meio da contação de histórias pessoais e o uso da linguagem coloquial; a imersividade, relacionada diretamente ao storytelling, a descrição detalhada de ambientes e pessoas e o uso de trilha sonora que envolve o ouvinte ao evocar sentimentos e sensações; e a função social da obra, que se torna aparente, dentre outros fatores, por meio da apuração em profundidade.

Como foi proposto, essas características foram observadas e apontadas no podcast 37 Graus, por meio da análise do episódio “O clone do pai da Bia”, mostrando que o programa se enquadra no gênero radiojornalismo narrativo. A linguagem coloquial e o uso da primeira pessoa são percebidos no decorrer de todo o episódio, com momentos em que as apresentadoras falam diretamente para o ouvinte, como em uma conversa, e assim se aproximam dele. Na abertura e no encerramento do episódio, Guimarães conta uma história pessoal, de família, e fala das suas impressões no processo, o que também contribui para o sentimento de intimidade. A estrutura do programa pode ser classificada como narrativa da realidade, já que ele conta histórias reais com a presença de arcos narrativos.

A análise também mostrou que a construção da imersividade no episódio acontece por meio do uso do storytelling, com a narração de cenas que ilustram os acontecimentos. Guimarães descreve fisicamente o seu pai, protagonista da história contada, para que o ouvinte possa imaginar sua aparência, e quando as apresentadoras falam de sua chegada a Iporanga/SP. Elas descrevem os acontecimentos e os espaços, trazendo à luz os bastidores da viagem para realizar a apuração. O suspense da narrativa é marcado pela trilha sonora, que acompanha, por exemplo, os sentimentos do personagem quando ele fica confuso ao ser reconhecido numa cidade que nunca visitou.

Quanto à função social do programa, foi observado que ele contribui para o diálogo entre a esfera científica e outras esferas da sociedade, sendo assim uma iniciativa de divulgação científica. O episódio parte da narração de uma história pessoal de uma das

apresentadoras para propor perguntas sobre a história e o funcionamento da hereditariedade. As metáforas e o simbolismo são usados para alcançar a compreensão, contribuindo para o sucesso da divulgação científica. Um exemplo disso é a explicação do programa sobre a formação do DNA, que é acompanhada da alusão aos livros de biologia e da lembrança de que o ouvinte provavelmente já aprendeu sobre esse assunto na escola. Isso também compõe a imersividade da narração, ao trazer o assunto abordado para o mundo do sujeito. Assim, “O clone do pai da Bia” estimula a curiosidade e introduz um assunto científico no cotidiano de forma natural e descontraída.

Inclusive, foram encontradas diversas vantagens do uso do podcasting narrativo para a difusão da ciência, confirmando a hipótese do trabalho. Dentre elas, a construção de intimidade com o ouvinte, o uso do humor, que mantém ele interessado e atento à mensagem, e principalmente a possibilidade de diálogo aberta pelo fator multimídia dos podcasts.

Torna-se possível o debate dos ouvintes entre si e com os produtores do podcast, o que gera engajamento do público em discussões científicas, ampliando o impacto da divulgação. No 37 Graus, isso aparece na forma de episódios bônus, produzidos com a participação de ouvintes, e na multimídia do programa. Ao disponibilizar links externos sobre assuntos mencionados no programa, o 37 Graus dá protagonismo ao ouvinte para construir sua própria narrativa, e ele pode se manter engajado no assunto mesmo após o fim do áudio.

A metodologia da Análise Audioestrutural do Podcast aplicada ao programa 37 Graus ajudou a compreender a sua estrutura, uso das fontes e conteúdo. Ficou evidente que o podcasting narrativo é versátil e pode ser usado para além da informação e do entretenimento, como um facilitador do debate no campo científico.

O 37 Graus se insere numa categoria em expansão: os podcasts de divulgação científica. Este trabalho visou contribuir para o seu mapeamento e entendimento, se aprofundando na linguagem e nas técnicas usadas por um programa do gênero. Porém, não pretendeu concluir a pesquisa na área, pois entende-se que outros programas radiofônicos sob demanda manifestam as características apontadas de formas diferentes, mesmo os que também se voltam para a difusão da ciência.

Um estudo que mapeasse o uso do radiojornalismo narrativo nos podcasts brasileiros de divulgação científica teria o potencial de compreender como esse gênero ocorre de forma ampliada. Outro ponto de interesse para a área é buscar entender o impacto desses programas. Isso pode acontecer por meio da entrevista dos ouvintes, que podem atestar se ocorre a imersão e o sentimento de proximidade com o apresentador na escuta dos podcasts, bem como se eles foram engajados pelos programas a atuar no debate científico.

Além disso, é de se esperar que a aliança entre som e ciência seja propícia para a inovação, combinando os diferentes formatos de podcasting aos milhares de assuntos possíveis para a divulgação científica.

6. Referências bibliográficas

- BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.
- KISCHINHEVSKY, M.; LOPEZ, D. C.; BENZECRY, L. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, p. 6-12. 3 jul. 2020.
- BERRY, Richard. **Mapping podcasts**. Radio & Podcast Academic, Sunderland (UK). 28 dez 2019. Disponível em: <https://richardberry.eu/mapping-podcasts/>. Acesso em: 20 jun 2024.
- BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Lisboa: Vega, 1999. p. 163-277.
- BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, p. 13-32. 3 jul. 2020.
- BIRCH, H., WEITKAMP, E.. Podologues: conversations created by science podcasts. **New Media & Society**, v. 12, n. 6, p. 889-909, set. 2010.
- BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1 esp., p. 1-12, dez. 2010.
- BUENO, W. C. A divulgação científica no universo digital: o protagonismo dos portais, blogs e mídias sociais. In: PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; ROSA F.. **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares** [online]. Ilhéus: Editus, 2018, p. 55-67.
- BUENO, WC. As fontes comprometidas no jornalismo científico. In: PORTO, CM.; BROTAS, AMP.; BORTOLIERO, ST.. **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 55-72.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. **Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online**. Covilhã: Livros Labcom, 2003. p. 63-73.
- CARVALHO, J.; SCHEIBE, R. **Truman Capote: do surgimento do New Journalism a “À Sangue Frio”**. 2016. Trabalho apresentado no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Boa Vista - RR, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2016/resumos/R49-0586-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- CARVALHO, Paula Marques de. **Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet**. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife, PE – 2 a 6 set. 2011.

DANTAS-QUEIROZ, M. V.; WENTZEL, L. C. P.; QUEIROZ, L. L. Science communication podcasting in Brazil: the potential and challenges depicted by two podcasts. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, 2018, n. 2, p. 1891-1901

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. CD-ROM

FIGUEIRA, A. C. P.; BEVILAQUA, D. V. Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. **Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde: RECIIS**, v. 16, n. 1, 2022.

DOS ANJOS FONSECA, A.; SOUZA LIMA, L.; OLIVEIRA BARBOSA, S. Uma Proposta de Framework Teórico para Análise da Experiência no Jornalismo Imersivo. **E-Compós**, [S. l.], v. 23, 2020. DOI: 10.30962/ec.2022. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2022>. Acesso em: 15 jun 2024.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987. p. 183-202

HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 15, n. 37, p. 101–106, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>. Acesso em: 20 jun. 2024.

HISTORY. In: **Cambridge Dictionary**. Cambridge University Press & Assessment 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/history>. Acesso em: 19 mar. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 2, p. 12-20, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 73-80, out. 2018.

LEMOS, André. O fenômeno mundial dos podcasts. **Digestivo Cultural**, Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/ensaios/118>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LINDGREN, M. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 3 jul. 2020.

QUADROS, M.; LOPEZ, D. C. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 3, 2015.

LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo. Inovação e narrativa multimídia em podcasts: um estudo de caso de Strange Bird. **Temática** - Revista eletrônica de publicação mensal, v. XVI, p. 59-75, 2020.

MARTINEZ, M. O jornalista-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. **Comunicação Midiática**, v.9, n.1, p. 56-77, 2014.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 40, n. 3, 2017.

MIRACELLY ROCHA DA CUNHA, Karenine; FRANCISCO MANTELLO, Paulo. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 56–67, 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185..> Acesso em: 15 jun. 2024.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães *et al* . O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei , v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2024.

OLIVEIRA, M.. Metajornalismo: do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. **Sur le journalisme**. About journalism. Sobre o jornalismo, v. 5, n. 2, p. 32-43. 2016.

PICARDI, I.; REGINA, S. Science via podcast. **Journal of Science Communication**, v. 07, n. 02, 2008.

QUADROS, M.; LOPEZ, D. C. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 164–181, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20523>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTOS, M. Histórias de vida na grande reportagem: um encontro entre jornalismo e história oral. **Comunicação & Informação**, v. 12, n. 2, 2009.

SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes no podcast mamilos**: Uma proposta de análise audioestrutural.. 2022. 135 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação-Mestrado-Profissional/PPGCOM) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4052>. Acesso em: 20 jun 2024.

SILVA, Henrique César da. O que é divulgação científica?. **Ciência & Ensino**. v. 1, n. 1, 2006.

SILVA, S. P. ; SANTOS, R. S. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcasting**: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. [s.l.] Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

VIANA, Luana; VAZ CHAGAS, Luan José. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais. **Observatório (OBS*)**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2024. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2369>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

STORY. In: **Cambridge Dictionary**. Cambridge University Press & Assessment 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/story>. Acesso em: 19 mar. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: Questões, Teorias e "Estórias", org. Lisboa, Vega, 2a Edição 1999

TUCHMAN, Gaye. Contando "estórias". In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: Questões, Teorias e "Estórias", org. Lisboa, Vega, 2a Edição 1999. p. 258-262.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2024.